

**EXCELENTÍSIMO SEÑOR PRESIDENTE DE LA NACIÓN: IMAGINÁRIOS POPULARES NO
PRIMEIRO PERONISMO (1946-1955)**

**EXCELENTÍSIMO SEÑOR PRESIDENTE DE LA NACIÓN: IMAGINARIOS POPULARES EN
EL PRIMER PERONISMO (1946-1955)**

Mayra Coan Lago

Doutoranda no Programa de História Social/USP

Resumo

Neste estudo inicial analisaremos a construção dos imaginários sociais pelos trabalhadores durante o Primeiro Peronismo (1946-1955), a partir da prática epistolar. Para lograr o objetivo estudaremos as cartas enviadas à Juan Domingo Perón, por ocasião da promulgação e da elaboração dos Planos Quinquenais, entre os anos 1946-1955. As cartas foram recebidas inicialmente pela Secretaria de Assuntos Técnicos da Presidência e posteriormente pelo Ministério de Assuntos Técnicos da Presidência. O diálogo “direto” com o presidente nos permite notar além das circularidades, apropriações e ressignificações do discurso peronista, as múltiplas percepções do *fazer-se* dos trabalhadores. Assim, a produção de sentidos pelos trabalhadores, as suas percepções sobre o “novo momento” e o governo peronista, seus distintos papéis e as relações entre os trabalhadores e o governo peronista, considerando as distintas conjunturas do primeiro e do segundo governo de Perón, são alguns dos aspectos que analisaremos.

Palavras-chave: trabalhadores; cartas; Planos Quinquenais; Juan Domingo Perón; peronismo.

Resumen

En este estudio inicial analizaremos la construcción de los imaginarios sociales por los trabajadores durante el Primer Peronismo (1946-1955), a partir de la práctica epistolar. Para lograr el objetivo estudiaremos las cartas enviadas a Juan Domingo Perón, por ocasión de la promulgación y elaboración de los Planes Quinquenales, entre los años 1946-1955. Las cartas fueron recibidas inicialmente por la Secretaria de Asuntos Técnicos de la Presidencia y posteriormente por el Ministerio de Asuntos Técnicos de la Presidencia. El dialogo “directo” con el presidente nos permite notar más allá de las circularidades, apropiaciones y resignificaciones del discurso peronista, las múltiples percepciones del *hacerse* de los trabajadores. Así, la producción de sentidos por los trabajadores, su percepción sobre el “nuevo momento” y el gobierno peronista, sus distintos roles y las relaciones entre ellos y el gobierno, considerando las distintas coyunturas del primer y segundo gobierno de Perón, son algunos de los aspectos que analizaremos.

Palabras-clave: trabajadores; cartas; Planes Quinquenales; Juan Domingo Perón; peronismo.

Introdução

Em setembro de 1950, um grupo de moradores de La Ramada, escreve ao presidente Juan Domingo Perón rogando que seus olhos se voltem para a região serrana do oeste de Córdoba para conceder-lhes água canalizada. Um ano depois, Erwin Pablo Forster de San Andres, escreve a Perón após ouvir o pronunciamento do presidente referente ao Segundo Plano Quinquenal, para colocar-se à disposição da “magnífica obra” empreendida. Já Carlos Pascual, de Buenos Aires, escreve em julho de 1952, sugerindo a construção de um monumento que perpetue a “Nova Argentina”, “livre, justa e soberana”. Para Carlos, a Argentina também deveria ter um Arco do Triunfo. Finalmente, Manuela, em 1953, escreve de San Miguel de Tucumán ao presidente, solicitando uma audiência para tratar da falta de recursos dos agricultores de sua região.

Por que estas pessoas escreveram cartas ao presidente argentino? Elas têm algo em comum além da escrita ao governante? E o governo as respondia? Eis algumas das perguntas que nortearão este trabalho, cujo objetivo é estudar a construção de imaginários sociais pelos trabalhadores durante o Primeiro Peronismo a partir das cartas enviadas à Juan Domingo Perón.

Com relação as cartas enviadas, sua escrita e recebimento estão inseridos em dois momentos principais do Primeiro Peronismo: 1946, após a apresentação do Primeiro Plano Quinquenal no Parlamento, no dia 21 de outubro, e 1951, após o discurso político de Perón do dia 3 de dezembro, irradiado em cadeia nacional de rádio, cujo tema era *Perón quiere saber lo que su pueblo necesita*. Embora estes sejam os marcos, a escrita e o recebimento de cartas ocorreu durante todo o Primeiro Peronismo.

Os momentos mencionados por nós têm particularidades importantes que precisam ser detalhadas. No primeiro, em 1946, Perón solicita os comentários dos argentinos e, em especial, dos trabalhadores sobre um plano que já tinha sido divulgado, enquanto no segundo, em 1951, como o próprio título do discurso revela, Perón convoca o povo argentino para a elaboração do Segundo Plano Quinquenal, como podemos observar no trecho abaixo, extraído de seu discurso:

En las tareas de elaboración del Segundo Plan Quinquenal , y respondiendo a mi deseo de conocer “lo que el pueblo argentino necesita”, distintas comisiones técnicas de la Presidencia de la Nación han recorrido el país desde un extremo al otro recogiendo las opiniones y expresiones públicas y privadas, especialmente de los sindicatos obreros y aun de las personas cuya inquietud individual ha sido también atendida de acuerdo con nuestro lema justicialista de gobierno que quiere hacer sólo lo que el pueblo quiera. La información recogida es extraordinariamente numerosa e importante, y ya ella bastaría para requerir nuestro esfuerzo durante los próximos cinco años. No obstante ello, deseo hacer un llamado final a las personas e instituciones, y de manera muy especial a los sindicatos de trabajadores, para que antes de 31 de diciembre remitan a la Presidencia de la República sus petitorios e inquietudes, a fin de ser debidamente estudiados. Toda correspondencia debe ser enviada a la calle 25 de Mayo 11- Capital Federal. (...) Hago, por fin, un llamado a todos los argentinos de bien a fin de que pongan el apoyo de su idea y de su esfuerzo a nuestros trabajos

actuales de planeamiento, a fin de que el Segundo Plan Quinquenal sea de todos y para todos
(PERÓN, 1988, p.610).

Para nós, o “chamado final” de Perón para os “argentinos de bem”, em especial para os trabalhadores e os que viviam nas zonas mais distantes da Argentina, para enviarem suas inquietudes para o Segundo Plano Quinquenal demarca a consagração do chamado pessoal e político de Perón e do “diálogo direto” estabelecido entre e pelo governante e os trabalhadores.

O significado deste chamado deve ser interpretado de forma profunda e ampla, em que se estabelece a relação direta e pessoal entre Perón/governo e os trabalhadores/povo. O diálogo “direto” com o presidente argentino nos permite, mais do que notar as circularidades, apropriações e ressignificações do discurso peronista, refletir sobre as múltiplas percepções do “fazer-se” dos trabalhadores, tal como os distintos “papéis” assumidos em um determinado momento da história política argentina. Assim, tão importante quanto estudar a recepção do discurso peronista pelos trabalhadores, envolvendo propaganda política e os próprios discursos políticos de Perón, é a análise da produção de sentidos por estes trabalhadores. Para tal análise é importante buscar e associar uma série de elementos que surgem nas cartas destes trabalhadores como a compreensão da conjuntura em que estão inseridos, as suas percepções sobre o novo momento e governo, seus distintos papéis, suas ações políticas e suas relações com o governo peronista, considerando as distintas conjunturas do primeiro e do segundo governo de Perón.

Ainda com relação ao chamado pessoal e político de Perón, desde a perspectiva governamental, o mesmo pode ser compreendido como mais um instrumento da propaganda política, que contribuiu para a construção de sua imagem e de seu governo, como justicialista e voltado para as classes populares. O chamado combinado com a propaganda peronista em livros, cartilhas, jogos e revistas- como a *Mundo Peronista*-, serviram também para produzir a ideia e a imagem da importância da participação dos trabalhadores, a efetividade de algumas das propostas enviadas e o próprio apoio dos trabalhadores ao governo de Perón.

Desde a perspectiva das classes populares e, mais especificamente, dos trabalhadores, que é o que mais nos interessa, o chamado pessoal e político de Perón pode ser compreendido como um espaço e um momento- ainda que por vezes limitado, sobretudo aos apoiadores do governo- que os trabalhadores expressaram suas práticas, suas ideias e suas inquietudes, enquanto sujeitos históricos.

A combinação dos aspectos mencionados até o momento- os relacionados à perspectiva governamental e aos trabalhadores- gerou o envio e recebimento de mais de 70 mil cartas, oriundas não apenas de toda a Argentina como também de outros países. Com relação ao recebimento, em um primeiro

momento estas cartas foram recebidas pela Secretaria de Assuntos Técnicos da Presidência (ST) que posteriormente seria transformada em Ministério de Assuntos Técnicos da Presidência (MT).

Do ponto de vista teórico-metodológico dialogamos com estudos gerais e específicos sobre cartas, pois consideramos que, em menor ou maior grau, ambos contribuem para refletirmos sobre as possibilidades de trabalho e interpretação das cartas¹, assim como para criarmos uma maneira própria de análise das mesmas. Além destes consideramos os estudos de Bronislaw Baczko (1985), sobretudo no que se refere à noção de imaginários sociais (IS), pois, ao tomar como estudos de casos as revoltas camponesas do século XVI, a Revolução Francesa e o stalinismo mostra que os IS são construções históricas que evocam imagens (sejam elas palavras, objetos, sentimentos).

Apesar de Baczko (1985) utilizar outros estudos de caso, o autor contribui para pensarmos sobre como os IS são construídos, de que forma são utilizados coletivamente, inclusive orientando, transformando práticas, valores, normas e mobilizando socialmente afetos, emoções e desejos. Baczko (1985) também assinala a importância de cotejar os IS com os interesses e conflitos sociais e políticos, com as estratégias de poder, com as relações entre poder e representação, porque permitem mostrar a sua eficácia em termos de dominação simbólica.

Outros estudos igualmente importantes para este trabalho são os de Edward Thompson (1987) e de Carlo Ginzburg (1987). No caso do historiador inglês nosso interesse decorre da reflexão do contínuo “fazer-se” dos trabalhadores, no qual as tradições culturais recebem uma atenção especial neste processo. Além deste aspecto, a proposta do que ficou conhecida como “história vista de baixo”, em que Thompson considera a narrativa dos outros sujeitos da história, que antes eram utilizados como “recheio” das histórias contadas, e passam a compor a centralidade destas histórias, isto é, também como protagonistas da história também contribuem na nossa reflexão.

No caso do historiador italiano, nosso interesse provém sobretudo pela noção de circularidade cultural e, mais especificamente, pelos trabalhos em que o historiador italiano demonstrou que as ideias não são produzidas apenas pelas classes dominantes e impostas, sem mediações, de cima para baixo. Em outras palavras, os trabalhadores, os camponeses e as “pessoas comuns” também produzem suas próprias ideias, crenças, valores e códigos comportamentais e, portanto, as ideias, longe de serem impostas por um

¹ Dentre os estudos com abordagens e temáticas gerais ou teórico-metodológicas sobre cartas figuram: GALVÃO e GOTLIB, (2000), GOMES (2004), MALATIAN (2015). Dentre os mais específicos, que tratam da escrita de cartas pelos trabalhadores para governantes destacamos: ACHA (2013) e RIBEIRO (2001).

grupo a toda a sociedade, circulam. Deste modo, as ideias são apropriadas e ressignificadas pelos diferentes grupos da sociedade, que lhes atribuem sentidos próprios.

Finalmente, vale dizer que este trabalho exploratório contará com apenas uma parte, além desta introdução e das considerações finais. Nesta parte buscaremos combinar as duas perspectivas mencionadas do diálogo direto entre Perón e os trabalhadores- a governamental e a dos trabalhadores- procurando demonstrar a intrínseca relação entre elas, dedicando uma atenção especial a produção de sentidos pelos trabalhadores, a fim de observar os imaginários sociais produzidos pelos mesmos.

A CONSTRUÇÃO DO “DIÁLOGO DIRETO” ENTRE PERÓN E OS TRABALHADORES

Antes de tratarmos da escrita e do recebimento das cartas é importante mencionarmos que a prática epistolar durante o Primeiro Peronismo deve ser compreendida considerando, pelo menos, três aspectos mais amplos. O primeiro é a relação direta que foi construída por Perón, enquanto Secretário de Trabalho e Previdência, e pelos trabalhadores que apoiavam as políticas do autointitulado governo da “Revolução Nacional” de 1943. Como procuramos demonstrar em outros trabalhos², a partir deste cargo, Perón pretendia ser o mediador entre os trabalhadores e o Estado. Deste modo, esta relação era composta por reuniões com trabalhadores e visitas de Perón aos seus locais de trabalho, o que contribuiria para a sustentação da imagem pretendida.

O segundo é que no Arquivo Geral da Nação já encontramos cartas para Perón do período mencionado acima, entre os anos 1944-1945, momento em que os trabalhadores já faziam solicitações, enviavam suas demandas e cobravam determinadas ações do Secretário. Este aspecto revela que a prática epistolar entre Perón e os trabalhadores é anterior ao período comumente conhecido como Primeiro Peronismo (1946-1955), como parte da relação própria que construiu e alimentou com estes trabalhadores.

O terceiro aspecto é lembrar da participação e da importância dos trabalhadores em momentos históricos como o 17 de outubro de 1945 e o apoio à candidatura de Perón como presidente, pelo Partido Laborista, e, já no primeiro governo, como principal base de apoio popular. Ademais, podemos observar tanto nos discursos políticos de Perón quanto na propaganda política deste período imagens que enfatizavam que os trabalhadores não precisavam de mediadores para entrar em contato com o governante, justamente pelo tipo de relação que foi construída anteriormente³. Consideramos que a menção destes três aspectos contribui para uma melhor compreensão da quantidade de cartas recebidas, das demandas e

² Para maiores detalhes ver: LAGO (2015).

³ Vale dizer que apesar destas imagens reproduzidas nos discursos políticos de Perón e na propaganda política, Evita seria considerada como a grande mediadora, a “ponte de amor”, entre Perón e os trabalhadores.

aspirações destas cartas, das distintas práticas políticas adotadas por estes trabalhadores e das formas utilizadas para se dirigir à Perón.

Com relação à estrutura governamental, que recebia essas cartas, os documentos analisados revelam que a ST era articulada com outros dois órgãos, que eram relacionados diretamente ao Poder Executivo: a Secretaria de Assuntos Políticos da Presidência (SP) e a Subsecretaria de Informações da Presidência (SI), responsável pela propaganda política do período e, inclusive, pelas publicações sobre o Plano Quinquenal. Posteriormente, o ST seria transformado em Ministério de Assuntos Técnicos, ficando responsável pelo recebimento das cartas a partir de 1951. A partir da sondagem inicial dos documentos é possível notar que o Ministério era um aperfeiçoamento da então extinta ST. O MT foi pensado como uma estrutura ampla, que também estava articulada com a SP e SI, e agregava um número considerável de funcionários. Ademais, o MT estava articulado com outros Ministérios, como os de Indústria, Comércio, Trabalho, Educação, Obras Públicas e Saúde.

Sobretudo neste segundo momento, isto é, a partir de 1951, percebemos que as cartas eram recebidas pelo MT, que por sua vez encarregava alguns funcionários a ler, grifar de vermelho e escrever um breve relatório sobre a carta em que constaria, de forma objetiva, o remetente, o tema, o assunto e o Ministério que a mesma deveria ser encaminhada. Os responsáveis pelos Ministérios, que recebiam as cartas, deveriam fazer um novo relatório, constando de uma síntese, considerações e conclusões. Caso a sugestão interessasse ao Ministério, era aberto um processo, com uma pasta especial para a sugestão. Ademais, era enviada uma nova carta ao remetente, solicitando audiência, e, posteriormente, um parecer sobre a audiência. As sugestões mais adequadas, em teoria, seriam incorporadas ao Segundo Plano Quinquenal.

Por outra parte, os remetentes recebiam uma carta, em que eram saudados, recebiam o agradecimento do Ministro do MT por sua colaboração e uma satisfação sobre a sugestão ou solicitação enviada. Sendo as solicitações atendidas ou não, consideramos que o mecanismo de escrita e resposta, que propiciaram um diálogo direto entre Estado, via governo e Perón, e trabalhadores, constituíram, a nosso ver, um espaço de legitimação entre governo e trabalhadores, também por parte dos trabalhadores.

No que se refere aos remetentes, encontramos cartas escritas por indivíduos, homens e mulheres, e por coletivos, representando associações, sindicatos, comerciantes, industriais e clubes, provenientes de toda a Argentina. De maneira geral, as cartas enviadas durante o primeiro e o segundo governo peronista apresentavam uma saudação inicial e, posteriormente, seguiam com informes de pessoas que se colocavam à disposição do governo para o que fosse necessário, pedidos de audiência, solicitações, projetos e comentários dos mais diversos. A fim de dar um panorama mais amplo procuraremos apresentar, pelo

menos, uma carta de cada “categoria” proposta por nós.

A primeira carta é de Erwin Pablo Forster de San Andres, que escreve em 1951, como uma resposta direta ao discurso político de Perón:

Sintiendo aun la profunda emoción causada por el solemne acto de la lectura de vuestro mensaje al parlamento, que con su magnífica elocuencia, puntualizada demostración de la tarea ejecutada y sinceras verdades dichas de frente; para que sirvan de ejemplo a los males políticos y malos argentinos, detractores de la magnífica obra argentina y justicialista de vuestro gobierno, de la que debemos sentir por el peronismo eterno agradecimiento y bien fundado orgullo al poder hacer con vuestro esfuerzo común ciudadanos dignos de un líder como V.E (...). Pero sintiéndome demasiado modesto en el sentido de mi colaboración con el movimiento del Peronismo mas aún ante los innumerables sacrificios que hace V.E y vuestra incansable compañera; me tomo nuevamente la libertad de molestar vuestra atención como lo hice en su oportunidad en el llamado (...), para ofrecer mi incondicional colaboración para servir la noble causa del Peronismo; nada pido mi General: solo quiero servir a esa idea que reivindico a mi Argentina ante el mundo y la sacó del barro servil en que los incalificables políticos a sueldo de la oligarquía la habían sumetido. Ruego a V.E se sirva decir que lugar debo ocupar en este movimiento con el cual confraternizan mis ideas con las de V.E (...) nada pido ni ambiciono, mas que un lugar para colaborar desinteresadamente en la obra emprendida, la cual veo sana, noble y justicialista⁴.

Um primeiro aspecto que chama atenção nesta carta é que Erwin já inicia sua escrita identificando Perón como um bom político e argentino, contrapondo-o aos maus políticos e argentinos, que somente **detratavam** a “magnífica obra argentina e justicialista” do governo. O segundo aspecto que decorre desta ideia inicial da demarcação entre o “bom” e o “mau” é justamente a noção de agradecimento e orgulho, que também os convoca para fazer parte da “grande obra” de construção da Nova Argentina. Um terceiro aspecto é a oposição entre Perón e Evita grandiosos e o trabalhador Erwin modesto, que apesar disto deseja servir a nobre causa do peronismo.

Erwin queria apenas servir ao governo que reivindicou a sua Argentina diante do mundo e a tirou do barro que se encontrava, o que traz novamente uma ideia de oposição, agora entre o “novo” e o “velho” momento ou entre a “nova” e a “velha” Argentina, sendo que Perón, o movimento peronista e o governo justicialista eram colocados no centro, como os grandes responsáveis pela mudança. A ideia de servidão vinha acompanhada de alguém modesto e desinteressado, que queria apenas colaborar com a obra “sã, nobre e justicialista”, características da Nova Argentina, colaborando em qualquer tarefa:

(...) cualquier tarea en bien del Peronismo me honraría por igual, así fuera la mas humilde, siempre que sea para divulgar la doctrina peronista, entre mis compañeros que aún no quieren o no pueden comprender el enorme sentido patriótico que el peronismo lleva al alma⁵.

Também é interessante observarmos que, em alguns momentos, o peronismo aparece quase como uma “religião”, que por ser tão boa, deveria ser divulgada para todos, principalmente para os companheiros

⁴ AGN-MT, caixa 460.

⁵ AGN-MT, caixa 460.

que não queriam ou podiam compreender o sentido patriótico que seria proporcionado pelo peronismo. Este é um outro aspecto que chama a atenção, isto é, a aproximação entre patriotismo e peronismo, assim como a noção de que ser peronista, em determinados momentos, era equivalente a ser argentino.

A partir da análise desta primeira carta, podemos observar que alguns aspectos mais gerais podem ser extraídos: a noção de um novo momento e Argentina, isto é, uma “Nova Argentina”, que ainda estava em construção; o papel de Perón e Evita, assim como do movimento peronista e do governo justicialista nesta construção e na sensação da “Nova Argentina”; o desejo de participar desta construção, independente da atuação que lhe seria oferecida; e a proposta de algo para o coletivo. Conforme destacaremos adiante, apesar das particularidades das situações e argumentos, estes aspectos mais gerais de algum modo perpassam as demais cartas estudadas.

A segunda carta é de Nelida Esther, que escreve de Buenos Aires, em 1953, solicitando uma audiência com Perón para apresentar um plano de ajuda para a mulher do campo:

*Excelentísimo Señor Presidente Juan Domingo Perón con mi mayor respecto me dirijo a usted pidiéndole mil perdones por atreberme a escribirle a nuestro Presidente y molestarlo sabiendo que dispone de muy poco tiempo por que esta siempre tan ocupado.
Yo señor soy una argentina y una Peronista muy agradecida que le pide a su Presidente tenga la bondad de perder cinco minutos para atenderme pues tengo el deseo de acerle saber un plan de alluda a mujer del campo se que le será muy útil y se beneficiara ala población mas pobre del campo soy argentina y deseo alludar a otra argentina a otra hermana y usted señor esta que pueda yo diserle a otra mujer me manda mi General que yo les enceñe esto y ustedes sean mas felices y estén unidos. señor perdóname por el atrebimiento soy muy umilde pero una gran Peronista que quiere a Perón por que es del pueblo⁶.*

Quando comparamos as cartas dos homens estudadas com esta, notamos que a das mulheres estudadas até o momento têm um tom mais emotivo, revelado na própria retórica de Nelida, sobretudo na ideia da pátria como uma grande família, sendo que as “irmãs” – mulheres do campo- deveriam ser ajudadas e na proximidade com Perón, a ponto de dar conselhos no final da carta. Apesar do tom, vale observarmos que alguns aspectos são comuns como as identificações como argentina e peronista. Outro aspecto comum, que vale ser destacado, é as noções de utilidade para a construção da “Nova Argentina”, tal como para o projeto político peronista, e do benefício para o maior número de pessoas, no caso, de mulheres. Deste modo, novamente encontramos um projeto ou um plano que é voltado para o coletivo: as mulheres pobres do campo.

Um aspecto que consideramos emblemático nesta carta está relacionado com a apropriação, a ressignificação e o uso da retórica do discurso do governo peronista ou na compreensão e interpretação do mesmo por Nelida. Nos discursos políticos de Perón, no seu chamado político e pessoal de 1951 e mesmo

⁶ AGN-MT, caixa 459.

na propaganda política da época encontramos diversas mensagens e imagens sobre o governante, sua base política- os descamisados, os trabalhadores e o povo- e a relação que o mesmo deveria ter com os governados, sobretudo com o povo e os trabalhadores argentinos. Nestas mensagens, como identificou Nelida, Perón é colocado como representante e alguém do povo. Não obstante, seja no início ou no final da carta, Nelida pede desculpas pelo “atrevimento” e por “incomodar” o presidente. Também no final da carta, Nelida afirma ser humilde, apesar de grande peronista. Neste sentido nos parece emblemático a compreensão própria de Nelida das mensagens do discurso oficial, que apesar de reforçar sempre que possível a “nova” atuação do governo e posição do governante, não deixa de transparecer na carta como uma esfera superior, hierarquizada, que deve ser respeitada como tal. Outra vez, a noção de “peronista” para Nelida também não fica claro para nós, podendo estar relacionada à identidade política, ao movimento, ao “sentimento”, ao próprio partido ou à mais de um dos aspectos mencionados combinados.

Assim como na primeira carta, consideramos que os aspectos gerais- como a noção de um “novo” momento e da construção de uma “Nova Argentina”, o papel central de Perón para a existência deste “novo” momento, o desejo de contribuir para a construção do mesmo e as propostas voltadas para o coletivo- também aparecem na carta de Nelida. Um outro aspecto que é comum destas duas cartas é a noção de um Perón grandioso, com grandes feitos, em oposição aos modestos trabalhadores, que pretendem dar e realizar feitos menores quando comparados ao do governante.

A terceira carta é de Manuela, de San Miguel de Tucumán, mencionada por nós na introdução deste trabalho, que escreve em 1953 solicitando uma audiência para tratar da falta de recursos dos agricultores da região:

Exmo. Señor. Excelenticimo y Justicimo. Señor Lo saludo. Con mismas Alt. Consideracion y respecto deseandole una Gran vida y salud eterna y que nuestra madre Evita, esté en el Reino celestial para que ruegue por su Dignicimo esposo y por sus hijos de su patria Argentina y después de saludarlo me dirijo à comunicarle , que pienso, de irme a visitarlo y entrevistarme con Ud y, al mismo tiempo, le solicito, quiera, concederme, una Audiencia para el día, mas procimo que mande que viajare por el Ferrocarril General Belgrano a Buenos Aires y cuando yo llegue, aremos ciertos parlamentos , y yo le digo, lo que hace falta; recursos para los agricultores y que los hombres, pierden el labor y el animo, para que los campos se culminen, de cereales y legumbres como también el tabaco, una gran producción de tabaco, da tal y cual, como la industria cañera, también, debe haber industria tabaquera, que cada planta da cuarto kilo de primera y cuatro de segunda, y segun las semillas, que se siembre se hace dos cosecha en el año, como por ejemplo papa manis arros patatas alberja sebolla de cabresa y berdeo, y también de otros gremios que conosco, todo trabajos de barón y mujer. Lo saludo muy atentamente. Voy a difundir el Plan Quinquenal⁷.

Manuela inicia a carta saudando e desejando o melhor para Perón. Em seguida, ela evoca o nome da Evita, cuja a imagem ainda estava amparada na de grande “mãe” do povo argentino, sobretudo dos mais

⁷ AGN-MT, caixa 459.

humildes, que continuaria cuidando e guardando Perón e todos os seus “filhos” da pátria argentina. Após as considerações iniciais da carta, Manuela solicita uma audiência para tratar de alguns problemas da sua região, como a falta de recursos dos agricultores e os desdobramentos que estes problemas causam não apenas nas condições de trabalho, mas nas de vida e no desenvolvimento da região. O que também vale observarmos nestas cartas é que, embora a grande maioria viesse amparada pelas noções de “Nova Argentina”, elas revelavam que o “novo momento” ainda não havia chegado para toda a Argentina e para todos os argentinos.

O que também nos parece interessante é a percepção própria de Manuela com relação à necessidade de outras indústrias ou produções mais voltadas para os cereais e legumes, que contribuiriam não apenas para o aumento da produção e distribuição de alimentos, mas também para empregar mais homens e mulheres. Apesar das particularidades do caso de Manuela, uma vez mais, notamos que os aspectos gerais mencionados no primeiro caso- como a noção de uma “Nova Argentina” em construção; o papel central de Perón neste novo momento; o desejo de contribuir para o projeto; e as propostas voltadas para o coletivo- continuam permeando as cartas analisadas.

A quarta carta refere-se à um dos projetos de dimensão mais simbólica, associado a monumentos que demarcassem a “Nova” Argentina. Em carta, Pascual De Carlo, aposentado, escreve de Buenos Aires, no dia 4 de julho de 1952, sugerindo a construção de um Arco do Triunfo na Argentina:

Es hora de que se levante, pues le exige vuestro pueblo, que sumamos millones Señor que reconocemos ser felices con vuestro gran gobierno le exige la nueva ARGENTINA HOY LIBRE, JUSTA Y SOBERANA. Lo pide señor la INDEPENDENCIA ECONOMICA DEL PAÍS, y le piden todos los que trabajan por la incalculable conquista JUSTICIALISTA que nos habéis dado. QUEREMOS SEÑOR EL ARCO DEL TRIUNFO. Para perpetuar en el en ambas fachadas las estatuas de los libertadores de la esclavitud y fundadores del Justicialismo Protector del Trabajo y de la Justicia del ser humano⁸.

Como podemos notar, o projeto atingiria além de uma dimensão material, uma dimensão simbólica, que era a de demarcar o “novo” momento, a “nova” Argentina, tal como de perpetuar este momento, os principais nomes e suas realizações, no presente e no futuro. Além disto, os lemas do governo são expressos em letras maiúsculas, como se reproduzisse também a exaltação de Pascual de Carlo diante das realizações peronistas. Também é interessante observar que, dentre uma gama de possibilidade de monumentos, Pascual de Carlo sugere um já existente na França, que está associado às vitórias de um determinado momento específico da história francesa.

⁸ AGN-MT, caixa 459.

Apesar das distintas conjunturas, se tomarmos a sugestão de Pascual de Carlo em um sentido mais amplo, podemos associá-la à própria noção de vitória do justicialismo ao que havia antes e, no sentido mais restrito, à divulgação desta vitória para os argentinos e para os demais países do mundo das conquistas do justicialismo. Emblemático também é a questão de quem usufruiria e de quem deveria auxiliar na construção e manutenção do monumento:

¿ Y como se sufragarian los gastos que demandaría esta colosal? [...] Todos los beneficiados en general deberíamos contribuir que sería nuestra obligación señor...Habria que empezar, por los señores Ministros, por los Magistrados, por los Senadores, por los Diputados, por los Patrones, por todos los que trabajan a sueldo, por los Jubilados, por los industriales, por los comerciantes y por los rentistas y en esta forma con un poco de buena voluntad sobre plata para poder hacer una colosal obra que los buenos ciudadanos pedimos y que se debe de hacer. UN DÍA DE TRABAJO DE CADA UNO NO HACE MAL A NINGUNO⁹.

Para Pascual de Carlo, todos os argentinos que foram beneficiados por tais obras deveriam contribuir para ver perpetuado este “novo” momento, sendo o projeto sua maior contribuição a “nova” Argentina. O que nos chamou mais atenção é a frase final, também em letras maiúsculas, em que reafirma o trabalho da coletividade para a construção do monumento. Com relação as marcas em vermelho, novamente, sugerimos que as mesmas tenham sido realizadas pelos funcionários do Ministério.

De uma forma distinta das cartas apresentadas anteriormente, a carta de Pascual também é marcada pelos aspectos gerais mencionados por nós como a noção de um “novo” momento e de uma “Nova Argentina”, o papel central de Perón no “novo” momento, o desejo de contribuir nesta construção e um projeto que seria coletivo, isto é, para todos argentinos e não-argentinos, uma vez que consagraria o “novo” momento.

Uma última abordagem das cartas encontradas e sugeridas por nós é os comentários. Estes englobam tanto os elogios e críticas ao governo peronista, aos Planos Quinquenais, como também denúncias dos “traidores da pátria”, os não peronistas, que é o que trataremos neste momento. Para comporem estas produções é possível notar a construção de um “nós”, pertencentes à nação argentina e ao projeto político, justamente por ser peronista, em contraposição à um “eles”, que não querem pertencer à nação argentina por não estarem de acordo com as propostas do peronismo, de maneira mais ampla, e do governo, de maneira específica. Os comentários encontrados variam de posições a ações radicais, começam delatando os “traidores” até sugerindo exclusão da sociedade, no sentido de demitir estas pessoas de cargos de funções públicas e, em alguns casos, de fábricas, comércios, entre outros, pois prejudicariam o progresso da “nova” Argentina.

⁹ AGN-MT, caixa 459.

Também nestes momentos que fica mais evidente a sustentação da legitimidade do envio das cartas a partir da relação entre a identidade nacional, ser argentino, uma das identidades sociais, ser trabalhador com a identidade política, ser peronista. Ademais, foi também nestes momentos que alguns estabeleciam a diferença entre o peronista das “antigas” e os “novos”, sobretudo pela própria conjuntura nacional em que estavam inseridos no segundo governo de Perón, marcada por uma crise econômica, o aumento das greves dos trabalhadores e a morte de Eva Perón.

A conjuntura do segundo governo contribuiu para evidenciar a oposição entre este “nós” pleno, substancial, que coincide com o coletivo “argentino”, “pátria”, e um “eles” pleno, racional, que coincide com o coletivo “antiargentino”, “antipátria”. As razões das acusações dos “traidores” da pátria variaram desde o próprio desacordo com as políticas, que surgiam nas conversas no trabalho, como o não uso de símbolos ou de enaltecimentos do governo em questão- isto é, o silêncio também era uma forma de traição-, até àqueles que não ficaram de luto, vestidos de preto, no mês em que Evita faleceu, em 1952. Ilustraremos o que afirmamos a partir de um exemplo mais radical, do militar José Cabrera, cuja carta é de Buenos Aires, do dia 9 de agosto de 1952. Na carta ele acusa a traição e, posteriormente, sugere uma forma de repreender os traidores:

(...) Ahora bien señor: a mi juicio y en base a lo expuesto voy a enumerar lo que debe hacerse en bien del país, del gobierno revolucionario y de la persecución de la obra de la egregia muerta [Evita] como así también del pueblo y es lo siguiente: 1-) Intimidar a todos y a cada uno de los funcionarios, empleador y obreros de todas las reparticiones del Estado que no se sientan cómodos en sus puestos por no ser peronistas, renuncien en el plazo de 30 días, terminados los cuales se les dejará cesantes; todos ellos deben estar bien catalogados (...)¹⁰.

Deste modo, a sugestão é que aqueles que não são peronistas sejam intimados a renunciar seus próprios cargos de trabalho, tal como sejam mapeados. A recorrência de denúncias, sobretudo a partir de 1952 é alta e é acentuada em 1955.

A carta de José tem um tom mais agressivo, diferente das que apresentamos até o momento. Não obstante, conseguimos encontrar vestígios de alguns dos aspectos gerais mencionados por nós ao longo da análise das cartas, sobretudo os que se referem à noção de uma “Nova Argentina”, a centralidade de Perón e o papel ou atuação de cada um neste projeto. Dentre o diferencial das cartas que contém os comentários e as denúncias dos “traidores da pátria”, observamos que a noção de atuação dos trabalhadores peronistas no novo momento é transformada, sendo que os mesmos deveriam servir como vigilantes e protetores da obra empreendida pelo governo justicialista, o que não deixa de ser algo coletivo, responsabilidade de todos os que foram contemplados, que são gratos pois percebem a “Nova Argentina”.

¹⁰ AGN-MT, caixa 460.

Finalmente, vale mencionarmos, ainda que brevemente os usos políticos do chamado político de Perón, a partir da reprodução das cartas enviadas, pela propaganda política do período, incluindo seus produtos culturais, que encerravam um “círculo imaginário” destes diálogos diretos proposto por nós. Os usos aparecem em jogos específicos como *Hacemos Patria*, na revista *Mundo Peronista*, em filmes e, principalmente, em manuais produzidos especialmente para explicar, de forma didática o Plano, tal como reproduzir a ideia de que todos o fizeram e, conseqüentemente, contribuíram para a construção da “nova” Argentina.

O primeiro destes produtos que queremos mencionar é o jogo *Hacemos Patria*, voltado para professores escolares, oradores, delegados gremiais e orientadores de temas em reuniões. Dois aspectos iniciais devem ser mencionados: primeiro a própria noção do momento, reforçada pelo título do jogo, “FAZEMOS PÁTRIA”, no sentido de que todos colaboraram para a construção da “Nova Argentina”, ou seja, é uma obra coletiva. Em seguida vale observarmos que o mesmo era dedicado para todos os argentinos, sem distinção de idade, de grupos ou de locais que deveria ser apresentado, uma vez que poderia ser jogado da forma mais simples até a mais elaborada.

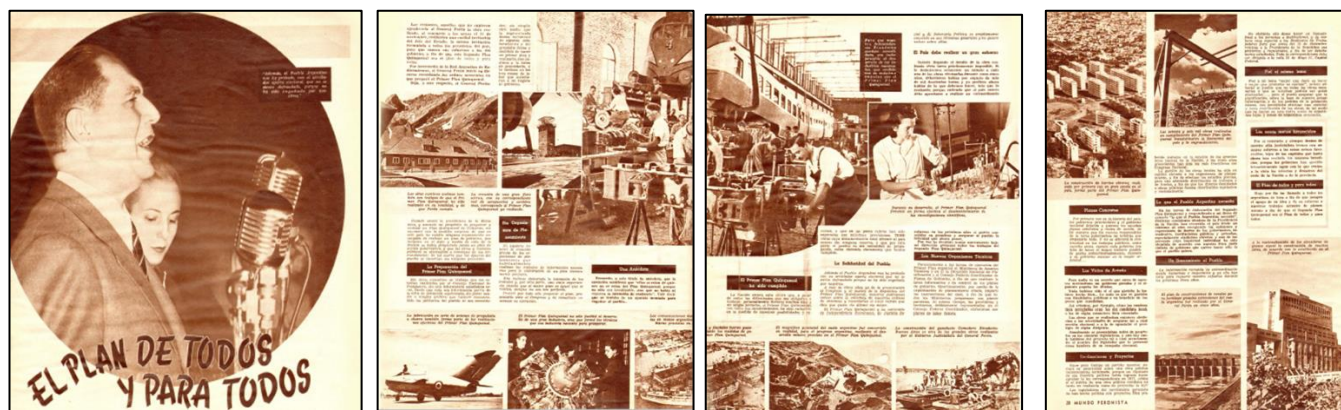


Imagem 1: Envelope do jogo “Hacemos patria”. Fonte: Extraído do arquivo pessoal da autora.

O jogo de 47 fichas e uma planilha continha instruções bem detalhadas sobre como o mesmo deveria ser jogado, de forma que abarcasse não apenas as realizações peronistas, como revelasse os principais participantes e receptores destas obras: o povo. Desta forma, o jogo não servia apenas para divulgar o segundo plano econômico, como principalmente para reforçar a noção de que a construção e realização do mesmo era de responsabilidade de todos, que o plano era voltado para todos os argentinos, sobretudo para o povo, que era o centro das atenções do governo peronista naquele momento.

No que se refere aos planos mencionados e ao diálogo direto entre o povo e Perón, a revista *Mundo Peronista* contribuiu de maneira mais ampla na intensa produção e reprodução de imagens do povo feliz, a partir de fotos das realizações, dos seus depoimentos, mostrando-os como os principais participantes e receptores das “grandes obras” peronistas. De maneira específica, na matéria intitulada “EL PLAN DE TODOS Y PARA TODOS”, a revista também difundiu o discurso político do segundo chamado pessoal e

político de Perón, isto é, a convocação para o Segundo Plano Quinquenal em 1951. O diferencial da difusão do rádio para a revista é que a mesma combinou as imagens pronunciadas com as visuais da “Nova Argentina”, isto é, se utilizou de fotografias das realizações e a participação dos homens e mulheres argentinos desde o Primeiro Plano Quinquenal na construção da “Nova Argentina”, como podemos ver nas imagens abaixo:



Imagens 2,3, 4 e 5: Matéria “EL PLAN DE TODOS Y PARA TODOS”. Fonte: Mundo Peronista, ano I, número 11, páginas 25-28.

Ademais, em outras matérias como a intitulada “*Presentes, mi general!*”, de 1952, a revista mostrava a atuação de grupos específicos da Argentina no segundo plano do governo. No caso desta matéria, a revista enfatizou o papel das mulheres das Unidades Básicas femininas no segundo plano de governo, incorporando depoimentos que revelavam o apoio destas mulheres:

Dispuestas para la gran tarea

- Estamos ya dispuestas a colaborar y apoyar en todo el Plan Económico de nuestro Presidente-nos manifiesta una de las asistentes de una Unidad Básica.*
- *Si la doctrina Justicialista Peronista nos ha otorgado antiguos derechos, que en tiempos de la oligarquía jamás se nos quiso reconocer, también por ello hemos contraído mayores deberes-agrega otra.*
- *Dar a la patria hijos sanos, por ejemplo. Ser su maestra desde la cuna misma y formar hombres prudentes y virtuosos- asevera una tercera (...)*
- *Y ahora, cumplir y hacer cumplir las directivas del General Perón para el mejor éxito de su Plan* (MUNDO PERONISTA, ano I, número 17, p. 24)

As falas dessas mulheres, que expressavam o seu apoio e colaboração ao plano econômico, eram somadas com as retóricas particulares dos trabalhadores das cartas. Do mesmo modo, a matéria também apresentava, a partir dos depoimentos e de trechos de cartas, os aspectos mais gerais assinalados por nós ao longo deste trabalho, no que se refere à noção da construção da “Nova Argentina”, do papel central de Perón e de Evita, do desejo de participação neste “novo” momento e da importância da colaboração coletiva, de todos exercendo determinados papéis. A matéria também era composta por fotos, que reforçava

ainda mais os aspectos mencionados até o momento e as imagens do trabalho de todos, do apoio, da colaboração e participação de todos os argentinos:



Imagens 6, 7 e 8: Matéria “EL PLAN DE TODOS Y PARA TODOS”. Fonte: Mundo Peronista, ano I, número 11, páginas 25-28.

Finalmente, extraímos um trecho da apresentação do *Manual práctico del segundo plan quinquenal*, publicado pela SI em 1953, para ilustrar mais uma das propagandas do momento:

*Hemos dicho también los peronistas que concebir un plan no es una obra de arte. La verdadera obra de arte está en-realizarlo. Para ello, el primer paso es **conocerlo**; el segundo, **difundirlo**, para que todos lo conozcan; el tercero, que **cada uno lo sienta como propio**, se persuade de la necesidad de llevarlo a cabo y lo realice, en la parte que a él le corresponde, con **decisión**, con **honradez** y con **patriotismo**. De aquí surge la necesidad de una gran difusión para que nadie pueda alegar ignorancia; de una profusa propaganda que lleve la comprensión y la persuasión a cada argentino; y, finalmente, de una observación continua y una vigilancia permanente de cada uno, para asegurar su cumplimiento de conjunto (p.6).*

As páginas iniciais, do manual de 350 páginas, reforçam a noção do Plano Quinquenal como uma construção coletiva, a partir da metáfora de uma obra de arte, que foi planejada por todos os argentinos que colaboraram, e dirigida pelo grande chefe da nação. Não obstante, não basta conceber a obrar, mas realizá-la. É a partir deste tipo de argumento, composto pelas noções de conhecer, difundir e pertencer à nação argentina e ao projeto do governo, que a propaganda política foi produzida e difundida. Além disto, por ser algo concebido a partir das diversas sugestões enviadas, deveria ser defendido por todos os argentinos.

Assim, apesar das particularidades dos produtos culturais produzidos, consideramos que os aspectos mais gerais das cartas como as noções de “novo” momento, da colaboração e participação de todos para a construção da “Nova Argentina”, da centralidade de Perón e de seu governo permearam também a perspectiva governamental do diálogo direto entre Perón e os trabalhadores.

Considerações Finais

Neste estudo inicial procuramos analisar a construção dos imaginários sociais pelos trabalhadores, a partir da prática epistolar, durante o Primeiro Peronismo. Para nós, o estudo destas construções, a partir

da prática epistolar, como resposta ao chamado pessoal e político de Perón, deveria ser considerado desde uma perspectiva mais ampla, na qual propomos a ideia da construção de um diálogo direto entre Perón e os trabalhadores, sendo alimentado e realimentado por ambas as partes. Deste modo, tão importante quanto o estudo da atuação e do esforço governamental para esta construção é o papel e a atuação dos trabalhadores diante deste “novo” momento.

A partir da sondagem inicial de nossas fontes percebemos que a construção dos imaginários sociais, tal como a produção de sentidos por parte dos trabalhadores foi muito particular e heterogênea, ainda que tenha uma base comum, baseada nos seguintes aspectos: as noções do “novo” momento em oposição ao “velho”; a importância da construção da “Nova Argentina” ser algo coletivo, de todos e para todos; o papel central e principal do casal Perón, do movimento peronista e do governo justicialista para o “novo” momento; e as propostas das cartas, que apesar das particularidades, eram, em geral, voltadas para o coletivo.

As aspirações e demandas convertidas em inquietudes dos trabalhadores, sobretudo a partir do Segundo Plano Quinquenal, também revelam as distintas formas pelas quais os trabalhadores se utilizaram para estabelecer o “diálogo direto” com Perón e “fizeram-se” ao longo da conjuntura e do governo peronista, tal como para atuar politicamente. Ademais, as cartas revelam a relação tênue entre a identidade nacional e a identidade política, assim como os distintos papéis assumidos por estes trabalhadores, como forma de atuação e ação política diante do e no governo peronista, de sua relação com Perón e com a “Nova Argentina”. No fundo, estas cartas também revelavam significados comuns para estes trabalhadores, como a ideia de cidadãos reais, ativos da “Nova Argentina”, e, por sua atuação, um sentimento de pertencimento real ao país, reforçado pelos usos e menções das distintas identidades conformadas e combinadas, como a nacional, a política e a individual.

Por outro lado, consideramos a reflexão sobre a estrutura governamental, que ficou responsável pela manutenção do chamado político e recebimento de cartas, igualmente importante no nosso trabalho não apenas para observar os caminhos percorridos pelas cartas e todos os outros documentos oficiais relacionados as mesmas, mas principalmente porque a estrutura construída pelo governo peronista reforça nossa ideia do “diálogo direto” em forma de círculo.

O círculo seria alimentado e realimentado pelo governo peronista e pelos trabalhadores. No caso do governo peronista também vale mencionarmos que a propaganda política, fruto da combinação das diversas aspirações e demandas dos trabalhadores, expressas também nas cartas, com os discursos oficiais do governo peronista, encerra o círculo de legitimação. Com relação ao círculo, vale dizer que para nós esta foi a forma

proposta de diálogo, não obstante, as “cores” do círculo, sobretudo por parte dos trabalhadores/povo, são as mais distintas possíveis. Em outras palavras, não podemos compreender este espaço como algo rígido e imutável, justamente pela diversidade dos sujeitos- que têm percepções, demandas e aspirações distintas que auxiliam na formação e manutenção do círculo. Deste modo, além das “cores”, o próprio círculo também estará com uma forma maior ou menor, mais oval ou circular, de acordo com o momento e os acontecimentos que o compõem. Neste sentido, o espaço incluiu aqueles que, espontaneamente ou não, participaram de sua formação e manutenção, também excluiu outros sujeitos, sobretudo aqueles que não concordavam com o projeto peronista e com as propostas do governo.

Finalmente é importante assinalar que embora a propaganda política tenha se utilizado destas cartas ou das mensagens que nelas continham para produzir imagens de legitimidade, apoio e consenso político e os trabalhadores tivessem espaços limitados para atuarem durante o período, sobretudo os que discordavam do projeto político peronista, consideramos que as cartas constituem um dos espaços que os trabalhadores atuaram politicamente, expressaram suas próprias percepções, demandas e aspirações. Para além da simplificação de “dominantes” e “dominados”, percebemos que nestas cartas eles encontraram brechas para exigir os direitos sociais, políticos e econômicos que tinham e que o governo, a partir de Perón, lhes prometeu, como também para exigir que o discurso da “Nova Argentina” fosse refletido na prática, isto é, que realmente fosse para todos.

Bibliografia

Fontes

Cartas

CARTAS. Archivo General de la Nación, fundo do Ministerio de Asuntos Tecnicos de la Presidencia, caixas 455-461.

Discurso político

Segundo Plan Quinquenal. Discurso político de Juan Domingo Perón de 3 de dezembro de 1951.

Revista

Mundo Peronista, ano I, número 11.

_____, ano I, número 17.

Propaganda sobre os Planos Quinquenais

Manual práctico del segundo plan quinquenal. Buenos Aires: Subsecretaría de Informaciones de la Presidencia de la Nación, 1953.

Referências Bibliográficas

- ACHA, Omar. *Crónica sentimental de la argentina peronista: sexo, inconsciente e ideología*, 1945-1955. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.
- BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: LEACH, Edmund. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (org). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro (org). *A escrita de si, a escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- LAGO, Mayra Coan. Trabalhadores do Brasil, Mis Queridos Descamisados: a (re) invenção dos trabalhadores no varguismo e no peronismo. *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em Integração da América Latina) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo-SP. 2015.
- MALATIAN, Teresa. “Cartas- Narrador, registro e arquivo”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PLOTKIN, Mariano Ben. *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955)*. Sáenz Peña: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2013.
- RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. Um novo olhar para a roça: a questão agrária no Estado Novo. *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.